

As mulheres e o teatro lambe-lambe: um relato sobre a difusão em Santa Catarina

Maysa Carvalho

Universidade de Brasília – UnB (Brasília, Brasil)

Jô Fornari

Cia. Andante Produções Artísticas (Canelinha, Brasil)

Suzi Daiane

Laço Cia. de Arte (Canelinha, Brasil)



Figura 1 – Interior da caixa de Lambe-Lambe de Suzi Daiane. Foto: Daniel Protzner.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020128>

Resumo: O presente artigo apresenta a relação das mulheres e o Teatro Lambe-lambe, tomando como recorte a criação da linguagem por Denise di Santos e Ismine Lima na Bahia e a difusão realizada por diversas mulheres no estado de Santa Catarina. Apresenta uma breve contextualização sobre a criação do Teatro Lambe-lambe em Salvador e em seguida se debruça na identificação das mulheres lambe-lambeiras em Santa Catarina, reconhecendo os elementos que motivaram a difusão da linguagem e a efervescência no estado. Também apresenta o primeiro curso de Teatro Lambe-lambe ofertado por uma instituição pública, a Formação Inicial em Teatro de Animação - FINTA pelo IFSC - Campus Florianópolis, em 2018.

Palavras-chave: Teatro Lambe-lambe. Mulheres. Santa Catarina.

Women and the Lambe-Lambe Theater: an account of the diffusion in Santa Catarina

Abstract: This article presents the relationship between women and the Lambe-lambe Theater, specifically the creation of this specific language by Denise dos Santos and Ismine Lima in Bahia and the diffusion realized by several women in the state of Santa Catarina. It presents a brief contextualization about the creation of the Lambe-lambe Theater in Salvador and then focuses on the identification of the women creators in Santa Catarina, recognizing the elements that motivated the diffusion of the language and effervescence in the state. Also presents the first Lambe-lambe Theater course offered by a public institution in the Initial Training Course in Animation Theater - FINTA by IFSC - Florianópolis Campus, in 2018.

Keywords: Lambe-lambe theater. Women. Santa Catarina.

O parto do Teatro Lambe-lambe

Na cidade de Salvador (BA), região nordeste do Brasil, em 1989, duas mulheres, bonequeiras e educadoras, deram à luz a uma nova linguagem teatral: o teatro lambe-lambe.

Denise di Santos, mulher cis, negra, mãe, descendente de escrava, brincante, poeta popular, miniaturista, criou uma cena com bonecos para mostrar aos seus alunos, numa escola de ensino tradicional onde lecionava: o momento de um parto.

Ismine Lima, mulher cis, artista, feminista, militante política, amiga e parceira artística de Denise de longa data, ao ver a cena pôde contribuir com seu olhar sensível e poético na proposta.

Ismine comentou com Denise que, a cena de um parto é um momento muito íntimo da mulher e não deveria ser apresentada em um espaço aberto, para muitas pessoas; deveria ser apresentado de outra forma. O olhar de Ismine foi como uma provocação para ambas e elas tomaram-o como um desafio: em que formato apresentar a cena do parto?

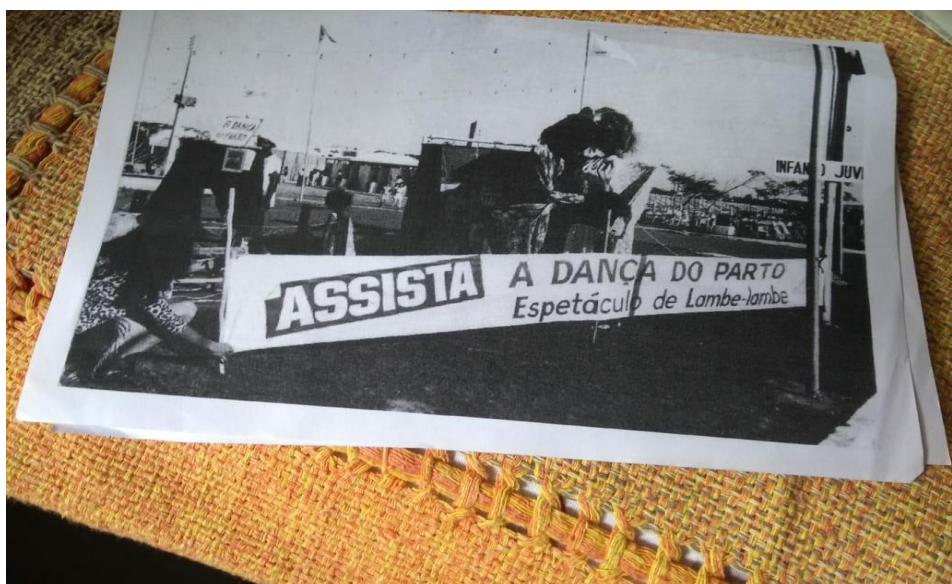


Figura 2 - Faixa de divulgação do espetáculo Dança do Parto em 1989.
Fonte: Acervo pessoal de Ismine Lima e Denise di Santos.

Naquela época, ainda era comum encontrar nas praças de Salvador pessoas que trabalhavam com a fotografia ambulante, chamada fotografia lambe-lambe, profissão hoje praticamente extinta. E foi ali, nas praças de

Salvador, observando as pessoas deste ofício, que as duas tiveram a ideia de levar a cena do parto para dentro de uma caixa. Inspiradas então, na fotografia lambe-lambe, adaptaram a cena para esse novo espaço cênico, com dimensões restritas onde, apenas uma pessoa por vez, poderia assistir a cena intimista do nascimento de um bebê. Nascia o primeiro espetáculo de teatro lambe-lambe: *A dança do parto*. Além do espaço interno, também se apropriaram da estética externa das caixas de fotografia e apoiaram a caixa em cima de um tripé, fixaram pano preto na parte externa, para cobrir a animadora e a espectadora, e inseriram um guarda-chuva (guarda-sol), elemento comum do universo da fotografia, que agora servia para fazer sombra a lambelambeira e à espectadora.

Pouco tempo depois de terem criado o teatro dentro da caixa, Ismine e Denise foram convidadas a participar da *Feira do Interior* na cidade de Salvador, para apresentar uma obra artística. Nesta oportunidade, decidiram levar o que chamaram de *teatro de lambe-lambe*, segundo elas, levaram-no para experimentar sua nova criação com o público. Instalaram a caixa em cima do tripé e colocaram uma faixa de tecido ao lado.



Figura 3 – Interior da caixa de teatro Lambe-Lambe. *A Dança do Parto*, de Ismine e Denise (2017). Foto: Acervo pessoal de Ismine Lima e Denise di Santos.

Teatro Lambe-lambe foi muito bem recebido pelo público durante os três dias de apresentação na Feira. Foram mais de quatro horas diárias de apresentações consecutivas, sempre com filas imensas de pessoas curiosas e encantadas com aquela novidade. Todas queriam saber o que havia dentro daquela caixa. Naquela época, Denise e Ismine se revezavam na manipulação da cena. Enquanto uma apresentava, a outra fazia a recepção do público e passava o chapéu, que rapidamente ficava cheio, devido às generosas contribuições financeiras do público que assistia. A estreia foi um sucesso!

Naquele primeiro dia de apresentações na feira, 30 de setembro de 1989, elas entenderam que haviam criado algo potente. A partir de então começaram a participar com sua nova criação em festivais e eventos de todo o Brasil.

Após alguns anos, cuidando e protegendo sua criação, como mães zelosas que geram e guardam seus filhos, compreenderam a importância da disseminação da linguagem definida por elas como um “estilo teatral”. Foi então que decidiram passar o seu legado adiante, estimulando outras artistas a também criarem seus próprios espetáculos de teatro lambe-lambe. A partir de 1995, Ismine e Denise começaram a ministrar oficinas e compartilhando sua metodologia de criação e construção.

Chegada do Lambe-lambe em Santa Catarina e ações de disseminação das mulheres catarinenses

Antônio Leopolski (*in memoriam*), também chamado de Antônio Bonequeiro, foi quem trouxe o teatro lambe-lambe para o estado e iniciou a disseminação entre artistas do teatro de bonecos em Santa Catarina. No *Dossier* de Teatro Lambe-lambe, Susanita Freire e Mônica Longo (2011) apresentam:

Em Santa Catarina, a primeira caixa de teatro lambe-lambe foi a do bonequeiro Antônio Leopolski que aprendeu a técnica com Denise dos Santos, em 1995. A partir de então, como dizem as criadoras, “o filho começou a andar sozinho”. Hoje Antônio já não anda mais por estas bandas, pois no ano passado partiu do mundo dos bonequeiros e passou a ser boneco (ou passarinho). Mas antes disso, ele plantou a semente, influenciando direta ou indiretamente no trabalho de muitas companhias teatrais do estado (FREIRE; LONGO, 2011, n.p.).

A linguagem do teatro de animação sempre foi muito estigmatizada por ser desenvolvida pela figura masculina. Contudo, com o surgimento do lambe-lambe, é possível reconhecer essa linguagem da animação como uma criação que perpassa primeiramente a figura da mulher.

Por meio da elaboração e divulgação de um questionário¹ de coleta de dados, feito exclusivamente para o desenvolvimento deste artigo, foi possível fazer o levantamento de 24 mulheres artistas lambe-lambeiras nascidas e/ou residentes em Santa Catarina. A partir das respostas, mapeamos tanto as produções já realizadas por estas artistas, bem como vislumbramos o ano em que estes trabalhos foram desenvolvidos. Também por meio deste questionário, e pela nossa vivência enquanto artistas nascidas e/ou residentes no estado, foi possível identificar as três mulheres precursoras na criação e disseminação da linguagem.

Jô Fornari, da Cia. Andante - Canelinha (SC), Mônica Longo, da Cia. Mútua - Itajaí (SC) e Mery Petty, da Cia. Alma Livre, Jaraguá do Sul (SC), foram essenciais para o fortalecimento da linguagem em Santa Catarina, no Brasil e na América Latina. Ao reconhecermos alguns dados apresentados no questionário e nos relatos de Jô Fornari, entramos em contato com as outras duas artistas para solicitar o detalhamento de todos os eventos desenvolvidos por elas (apresentações, oficinas, mostras, etc.)



Figura 4 - Mônica Longo e seu espetáculo *Missiva* (Cia Mútua). Foto: Divulgação do grupo.

¹ O questionário foi desenvolvido com plataforma *Google Forms* e distribuído com ampla divulgação pelas redes sociais: facebook, whatsapp e instagram, durante os meses de julho e agosto de 2020.

Mônica Longo é a primeira a produzir uma caixa de teatro lambe-lambe, tendo feito o contato com a linguagem por meio de Antônio Bonequeiro. Em 2005, ela realiza sua primeira apresentação em Garopaba (SC) e até os dias de hoje segue apresentando seus espetáculos. Além de apresentar em Santa Catarina, a Cia. Mútua também levou suas caixas para o Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e para o festival francês em *Charleville-Mezière*.

Jô Fornari é a segunda a criar seu espetáculo. Teve o primeiro contato com a linguagem por meio de Pedro Dias em 1996, mas somente em 2006 desenvolveu seu primeiro trabalho, o espetáculo *O jogo maluquinho*. Neste mesmo ano ela o apresenta no 1º Seminário de Formas Animadas, em Rio do Sul (SC) e no Festival de Formas Animadas, em Jaraguá do Sul (SC). No ano seguinte, em 2007, desenvolve seu segundo trabalho, o espetáculo *Maria do Cais*, estreando na 1ª Mini-mostra de teatro lambe-lambe de Joinville (SC). Em 2008, inicia o processo de montagem da intervenção de teatro lambe-lambe *Espia Só!*, projeto da Cia Andante (composta também por Sandra Knoll e Laércio do Amaral). O trabalho estreou em 2010 juntamente com o lançamento da primeira Revista impressa sobre a linguagem: *Lambe-lambe 01* e a circulação por quatro cidades Catarinenses. A partir deste momento Jô Fornari, juntamente com a Cia. Andante, passa a desenvolver diversas ações formativas e de fomento do teatro lambe-lambe, as quais citaremos mais adiante.

Mery Petty cria sua primeira caixa, com o espetáculo *A cobra e o vagalume*, em 2006, após ter visto o espetáculo do filho, ainda criança, do bonequeiro Paulo Nazareno, durante o 1º Seminário de Formas Animadas, em Rio do Sul (SC). Neste mesmo Seminário, Jô Fornari também apresentava seu lambe-lambe *O jogo maluquinho*.

É possível visualizar as ações potencializadoras de uma efervescência da linguagem em Santa Catarina após 2007, principalmente por ser o período em que as três bonequeiras já haviam produzido seus lambe-lambes e iniciavam ações de disseminação dessa linguagem.



Figura 5 - Mery Petty e seu espetáculo *O segredo da Bruxa* (Cia Alma Livre).
Foto: Divulgação do grupo.

O primeiro evento agregador das pessoas que já trabalhavam com o teatro lambe-lambe foi a 1ª Mini-mostra de teatro lambe-lambe de Joinville, em 2007 realizada por Mery Petty e Marcelo Mello. Na programação da Mostra havia Mery Petty ministrando uma oficina de construção e manipulação de Teatro Lambe-Lambe, que resultou em várias novas caixas, também apresentadas durante o evento. Assim, a cada oficina ministrada, novas caixas e espetáculos de teatro lambe-lambe iam surgindo, como está registrado no *Dossier* de Susanita Freire e Mônica Longo:

A semente foi tão bem irrigada que surgiram os Encontros de Caixeiros, como é o caso das Mini Mostras de Teatro de Lambe-lambe, que aconteceram em Joinville (2007 e 2008) e Jaraguá do Sul (2010) e o Encontro Lambe-lambe Brasil, em Florianópolis (2010) (FREIRE; LONGO, 2011, n.p.).

A partir das Oficinas realizadas por Mery Petty e da 1ª Mostra de teatro lambe-lambe que aconteceram em 2010, em Jaraguá do Sul (SC), surgiu, neste mesmo ano, o Clube do Lambe-lambe na mesma cidade. Este projeto reuniu sete caixas distintas e circulou por 26 municípios catarinenses, em turnê, por meio do projeto Baú de Histórias do SESC, em 2011.

As oficinas e mini-mostras realizadas nesse período aconteceram, em grande medida, graças às políticas de incentivo cultural que entre 2007 e 2014 estavam em efervescência no estado e no país. Além disto, através dos editais públicos, seja em nível municipal, estadual ou federal, muitas companhias de teatro e artistas independentes puderam também realizar suas montagens com enfoque específico no teatro lambe-lambe. Nesse período, foi possível ter subsídios para pesquisas, construção e elaboração de muitos espetáculos distribuídos pelo estado de Santa Catarina.

Em 2008, por exemplo, Jô Fornari, através da Cia. Andante, realiza o projeto de montagem da intervenção *Espia Só!*, aprovado pela Lei de Incentivo Municipal de Cultura de Itajaí (SC). O trabalho é composto por uma grande tenda, que abriga três caixas, três espetáculos e três personagens ciganos que realizam uma performance e convidam o público para espiarem os espetáculos que acontecem simultaneamente, no interior das caixas. Cada caixa contém um espetáculo de teatro lambe-lambe animado por uma artista da intervenção. No ano seguinte, o projeto recebeu o apoio dos editais Elisabete Anderle (estadual) e Prêmio Myriam Muniz (nacional) para continuação e aprofundamento da pesquisa e montagem. Esta intervenção trazia uma nova perspectiva para a linguagem, além de propor um novo olhar estético e poético para as produções. Tais características ajudaram no reconhecimento da linguagem dentro da cena teatral que, se tornava cada vez mais aceita e difundida pelos artistas profissionais do teatro de animação.



Figura 6 - Jô Fornari ao lado de sua caixa Lambe-Lambe e o espetáculo *Maria do Cais*.Foto: Eduardo Martinelli.

A disseminação do Teatro Lambe-lambe acontecia simultaneamente em vários estados brasileiros e internacionalmente. Foi tamanha aceitação e difusão que um primeiro reconhecimento oficial veio no dia 15 de dezembro de 2010, quando Denise di Santos e Ismine Lima, com seu teatro lambe-lambe, recebem o Prêmio Cultura Viva, outorgado pelo Ministério da Cultura do governo brasileiro (FREIRE; LONGO, 2011, n.p.).

O lambe-lambe foi ganhando cada vez mais força, em 2011 aconteceu na cidade de Rio do Sul (SC) o 16º Festival Catarinense de Teatro. O evento reuniu grupos e artistas catarinenses e passou a agregar o teatro lambe-lambe dentro de sua programação oficial, realizando uma Mostra paralela especificamente com caixas selecionadas. A mostra se repetiu na 17ª edição do evento, dando ainda mais vazão para a linguagem lambe-lambe no estado.

Em 2012, a 6ª edição do Festival Internacional de Teatro de Animação – FITA Floripa teve na programação oficial apresentações da intervenção *Espia*

Só!, da Cia. Andante, com seus três espetáculos de lambe-lambe. Neste mesmo ano a produção do festival, em nome de Sassá Moreti, propôs a participação da estudante Maysa Carvalho, para apresentar sua caixa de lambe-lambe² como parte de uma programação extraoficial a fim de incentivar a produção artística universitária.

As quatro caixas estiveram durante o festival no vão central do Centro de Cultura e Eventos da UFSC, em Florianópolis – SC, com sessões de duas horas de apresentações. Horário que antecedia o espetáculo da noite no auditório Garapuvu, dentro da programação do FITA. No final de semana, o festival também contou com a participação extraoficial do artista e pesquisador Roberto Gorgatti, e seu espetáculo lambe-lambe. Com isso, somaram-se cinco caixas no evento.

Ao mesmo tempo em que a linguagem se expandia cada vez mais no estado, também houve críticas desfavoráveis ao movimento. Na 7ª edição FITA Floripa, Marcos Vasques e Rubens da Cunha escreveram sobre a programação do festival de 2013 na Revista Osiris:

Outra boa notícia é que parece que os famigerados lambe-lambes não vieram, pelo menos não constam na programação oficial, o que já é um ensejo de melhora no FITA. Enfim, o que esperamos desse festival é um equilíbrio artístico, ou seja, que as apresentações não se desnivalem tanto como visto nas edições anteriores. E que a promessa de poesia vire carne, carne poética (CUNHA; VASQUES, 2013).

Nota-se que não havia profundidade em relação ao conhecimento sobre a linguagem do Teatro Lambe-lambe, sua história, disseminação e qualidade artística. Ao festival FITA – Floripa nunca lhe faltou poesia, e o lambe-lambe é potência poética; potência da mulher bonequeira desde sua origem. Escrever poucas palavras depreciativas sobre anos de poesia, história, luta e criação sempre foi muito simples e fácil para homens sustentados por uma sociedade patriarcal. Enquanto mulheres, seguiremos cada vez mais unidas lutando e resistindo diariamente pela nossa existência. Encontrando, inventando e abrindo

² Desenvolvida em 2009 no Laboratório de Teatro de Formas Animadas da Universidade de Brasília durante a graduação em Artes Cênicas com a parceria de Luciano Czar.

espaços para criarmos e nos valorizarmos, em nossas subjetividades, conhecimentos e diversidade.

Buscando identificar as demais mulheres que seguiram desenvolvendo a linguagem a partir da disseminação destas três artistas, retomamos aos demais dados do questionário. Das 24 respostas, foi possível notar que 13 artistas iniciaram seu processo com o teatro lambe-lambe entre 2005 e 2014, já as 11 demais tiveram sua iniciação entre 2015 e 2018.

O mapeamento pôde elucidar as artistas lambe-lambeiras atuantes no movimento desta linguagem. Além das bonequeiras precursoras, ressaltam-se outras mulheres que contribuíram para o movimento catarinense com seu trabalho, sendo: Adriana Niétzkar, Aline Dini, Ana Acácia, Ana Maria Teixeira Manaus, Ana Moço, Andrea Rihl, Ângela Escudeiro, Bete Muller, Bia Barbato, Bina Aparecida, Caroline Voltolini, Cristina Pretti, Daniele Viola, Elis Miranda, Gerliani de Oliveira Mendes, Iná Gonçalves, Jenifer Demarchi, Laura Correa, Liane Coral, Marcia Cordeiro, Marcia Pagani, Marlei Albrecht, Mayara Voltolini, Maysa Carvalho, Miriam Ramoniga, Nicole Pereira, Patricia Estivallet, Priscila Gilinski, Rafaela Catarina Kinas, Sonia Pillon, Sandra Baron, Sandra Coelho, Sandra Knoll, Suzi Daiane da Silva, Tuany Fagundes, entre outras³ tantas que possam não ter recebido a divulgação e nos falhou à memória neste momento de escrita. A todas estas celebramos suas contribuições e existência na arte do Teatro Lambe-lambe.

A partir do questionário, foi possível mapear 45 caixas de teatro lambe-lambe, sendo que 27 destas caixas continuam ainda em repertório. Por fim, além dos dados pessoais de cada artista como nome, grupo, e-mail, espetáculos já produzidos e em repertório, também foi questionado se os espetáculos possuem uma temática específica do universo das mulheres e as respostas para essa última pergunta apontaram um total de 12 caixas.

³ As mulheres listadas estão compostas por todas que preencheram o questionário e pelas que não preencheram mas foram lembradas por nós. Infelizmente, acreditamos que possa haver algumas fora dessa lista.

Teatro Lambe-lambe no curso de Formação Inicial em Teatro de Animação - FINTA-IFSC, Campus Florianópolis

Em 2017, foi criado o curso de Formação Inicial em Teatro de Animação - FINTA⁴ pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC Campus Florianópolis. Definido como um curso de qualificação profissional, o FINTA é uma Formação Inicial e Continuada - FIC, compreendido como o primeiro estágio formativo profissional. Com o objetivo institucional de completar uma das lacunas na formação profissional demandada pelas artistas que se dedicam ao teatro de animação em Santa Catarina (SOUZA et al, 2019, p. 173). O curso foi estruturado para ser desenvolvido em dois semestres letivos, totalizando 160 horas/aulas, distribuídas em um encontro semanal de três horas. No primeiro ano foi ofertada duas turmas, uma para o desenvolvimento da linguagem do Teatro de Bonecos e a segunda para o Teatro de Sombras.

Em 2018, segundo ano de realização do FINTA, foram ofertadas duas turmas para o desenvolvimento de outras linguagens do Teatro de Animação, sendo elas o Teatro Lambe-lambe e o Teatro de Máscaras. Devido ao afastamento do professor Alex de Souza para a finalização do doutorado, a professora Maysa Carvalho participou do concurso temporário e, aprovada, passou a integrar o corpo docente do FINTA que, nesse ano, foi composto exclusivamente por mulheres. Com a mesma estrutura pedagógica do ano anterior, Maysa Carvalho estaria substituindo Alex de Souza na abordagem específica do Teatro de Animação dentro dos componentes curriculares do curso.

⁴ Para saber mais sobre o curso FINTA/IFSC Campus Florianópolis leia o artigo “FINTA - Formação Inicial em Teatro de Animação” publicado pela Revista Móin-móin. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701202019170> Acesso em: 21 de setembro de 2020.



Figura 7 - Cartaz da Mostra FINTA (2018).

No contexto do ensino da linguagem do Teatro de Animação no Brasil o FINTA foi pioneiro, sendo o primeiro curso ofertado por uma instituição educacional pública para um público diverso e com poucas exigências prévias. Os requisitos para participar do sorteio de ingresso no curso eram: idade mínima de 12 anos e ensino fundamental completo, não sendo necessária experiência prévia na área teatral. Uma importante iniciativa para o desenvolvimento e formação da linguagem do teatro de animação.

No contexto brasileiro de formação teatral, o aprendizado da linguagem do lambe-lambe no estado de Santa Catarina se deu por meio de cursos ministrados por grupos e artistas que tiveram desenvolvido os seus próprios trabalhos e viam a necessidade dessa disseminação, como foi apresentado anteriormente.

Para além de proporcionar a produção de uma caixa de teatro lambe-lambe com cada uma das pessoas participantes, o curso FINTA tinha como objetivo oferecer essa formação inicial na linguagem do Teatro de Animação e o

desenvolvimento de uma vertente dessa ampla área teatral em cada uma das turmas. Foram trabalhados os componentes curriculares: História, Estética e Suporte Cênico no Teatro de Animação (20h); Elaboração e Construção de Formas Animadas (20h); Consciência Corporal, Improvisação e Dramaturgia (20h); Técnicas de Atuação e Animação (20h); Montagem Cênica (40h); Prática Artística e de Análise Cênica (40h), distribuídas ao longo dos dois semestres letivos daquele ano.

Reconhecendo a importância da fruição artística e aproximação do corpo discente com o fazer artístico profissional, a turma de teatro lambe-lambe teve duas experiências enriquecedoras no aprendizado. A primeira delas foi a possibilidade de participar da 1ª edição do FESTIRUA - Festival Internacional de Títeres e Teatro de Rua, que neste ano teve como mostra paralela o FESTILAMBE⁵ edição Brasil. Foram mais de dez caixas participando desta mostra e todas as pessoas participantes do curso FINTA de teatro lambe-lambe puderam fruir diversos espetáculos e conhecer de perto esta linguagem e artistas que a produzem.



Figura 8: Espetáculo *Cirque du Solamento* de Maysa Carvalho. Foto: Divulgação.

⁵ Um dos mais importantes festivais de Teatro Lambe-lambe na América Latina o FESTILAMBE é desenvolvido no Chile pela Companhia OANI de Valparaíso - Chile. Em 2018, a companhia fez esta edição em Bombinhas - SC como mostra paralela do FESTIRUA.

A segunda importante experiência do curso se deu pela participação da artista bonequeira catarinense Jô Fornari. Ela esteve em um dos encontros compartilhando sua experiência e trajetória no teatro Lambe-lambe, desde as produções artísticas, atividades formativas e edição da primeira revista de conteúdo exclusivo do lambe-lambe.

A turma do curso de Teatro Lambe-lambe era majoritariamente formada por mulheres cis, apenas uma pessoa trans não binária e um homem cis integravam o grupo. Ao final do curso cada estudante desenvolveu um espetáculo, totalizando 12 criações, sendo elas: *Presente*, de Amanda Camuzato; *Serafim*, de Anna Mock; *Exame de Rotina*, de Cae Beck; *Parque*, de Daienne Gonçalves; *Quando as flores caem*, de Daniele Viola; *As formigas*, de Gabriela Leite; *Perdidos na guerra*, de Hanani Juliê; *Michey Lamb e Mouse*, de Iza Quint; *Conexão visual*, de Julia Bastos Barcelos; *O Presente*, de Maria Clara Teixeira; *Abdução*, de Manoel Neto e *A iluminada*, de Shay Gazzolla. Quase todas foram apresentadas na Mostra FINTA que ocorreu nos dias 04 e 05 de dezembro de 2018, na cidade de Florianópolis – SC.

Algumas estudantes deram prosseguimos à criação desenvolvida no curso e realizaram diversas apresentações em eventos na cidade. Maria Clara Teixeira foi além e realizou uma circulação independente por diversos estados da região nordeste e em alguns outros estados brasileiros no ano de 2019.



Figura 9 - Intervenção Espia Só! da Cia Andante. Foto: Renata Batista.

Finalizamos esse artigo no mês de celebração de mais um ano de desenvolvimento do Teatro Lambe-lambe. Desde a criação em 1989 tivemos uma grande produção de espetáculos em Santa Catarina. Dia 30 de setembro, data do VIII Festejo Mundial em Rede do Teatro Lambe-lambe, somamos 31 anos de história e este “parto” deu origem à muitas filhas. Valorizemos a importância dessa linguagem para as mulheres, em Santa Catarina e em toda a cultura brasileira. Agradecemos os encontros e partilha!

“O mundo precisa do teatro lambe-lambe como as cidades precisam de bicicletas.” (Ismine Lima)

Referências

- CUNHA, Rubens da; VASQUES, Marcos. FITA – PROMESSA DE POESIA. In: Revista Osiris, 2013. Disponível em: <https://revistaosiris.wordpress.com/2013/06/24/fita-promessa-de-poesia/> Acesso: 21 set. 2020.
- FREIRE, Susanita; LONGO, Mônica. O Teatro Lambe-lambe no Mundo – Dossier Caixeiros Viajantes. In: La Hoja del Titiritero. Boletín Electrónico de la Comisión para América Latina de la Unima. Número 22. Marzo, 2011. Disponível em: http://www.hojacal.info/Dossier_Lambe-Lambe_01.pdf Acesso em: 21 set. 2020.
- SOUZA, Alex de; CAMPOS, Gizely Cesconetto de; GONÇALVES, Maysa Carvalho. FINTA – Formação Inicial em Teatro de Animação. In: Móin-Móin: Revista de Estudos sobre o Teatro de Formas Animadas. v. 1, n. 20 (2019). Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701202019170> Acesso em: 21 set. 2020.